

ANIMAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES SOBRE OS SIGNIFICADOS DA ATUAÇÃO NO CONTEXTO HOSPITALAR

Lívia Maria Guimarães Garcias

Acadêmica do curso de graduação em Educação Física da UFMG
Membro do CELAR/UFMG
Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)– Educação Física e Lazer (SESU/MEC).

Hélder Ferreira Isayama

Coordenador administrativo do CELAR/UFMG
Doutor em Educação Física/Estudos do Lazer pela Unicamp.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar os significados da Animação Cultural (AC) na perspectiva da Educação Física no contexto hospitalar. Devido às condições desumanizadoras existentes no ambiente do hospital é necessário pensar em propostas inovadoras, que tenham a possibilidade de contribuir para a humanização da hospitalização. Dessa maneira, a AC demonstra ser uma proposta metodológica apropriada que possa oferecer tais possibilidades dentre as inúmeras que a compreende. Ressalto então a necessidade de investigar seus significados nesse contexto.

ABSTRACT

The present work aims to approach, initially across of bibliographical revision, the meanings of Cultural Animation (CA) in the perspective of the Physical Education in the hospitalar context. Due to the dehumanized conditions existents in the environment of the hospital it is necessary to think in innovative proposals, that have the possibility of contribute for the humanization of the hospitalization. So ever, the CA shows to be a methodological proposal appropriated that can offer such possibilities between the countless that it understands. I stand out then the need of investigate its meanings in that context.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo enfocar los significados de Animación Cultural (AC) en la perspectiva de la Educación Física en contexto hospitalario. Debido a las condiciones deshumanizadoras existentes en el ambiente del hospital se hace necesario pensar en propuestas innovadoras, que tengan la posibilidad de contribuir para la humanización de la hospitalización. De esa forma, AC demuestra ser una propuesta metodológica apropiada que puede ofrecer tales posibilidades entre las innumerables que abarca. Destaco, entonces la necesidad de investigar sus significados en ese contexto.

Tentar compreender a pequena preocupação com as discussões sobre a humanização, o cuidado e a ética requer buscar na história justificativas que esclareçam o que significam esses fenômenos, tendo em vista sua complexidade e dinâmica no mundo atual. Os avanços científico-tecnológico conquistados, além de todas as suas contribuições, podem condicionar as relações sociais a serem encaminhadas de maneira “fria” e “desumana”, devido ao fazer precisamente objetivo da técnica e da ciência.

É necessário considerarmos que o poder da intervenção técnica-científica em nossa vida cresceu, trazendo-nos benefícios, mas esses têm em contrapartida uma preocupação, já que trazem a tona questões éticas. Segundo Pessini (1996), há uma decadência do comportamento humano que vai desde a perda de boas maneiras em relação aos outros até a violência e os crimes de morte, isso nos indica que as relações pessoais estão perdendo densidade ética tornando as estruturas sociais a-éticas.

Nogueira (2002) nos ajuda a compreender que para que haja ética é preciso perceber o outro, pois essa questão surge quando alguém se preocupa com as consequências que sua conduta tem sobre o outro. Isso significa que além das perdas das referências o homem parece perder sua condição de percepção do outro.

Pessini (1996) então nos diz que o horizonte ético é muito mais amplo que o da ciência e da técnica, porém há um diálogo entre os dois sistemas que se traduz na realização da liberdade, sendo que essa pode ser compreendida no sentido da conduta e convivência dignas. Isso quer dizer que relacionada às finalidades da ética, se encontra a procura da compatibilidade entre a realização da liberdade no sentido de convivência digna e dominação das forças da natureza para possível autonomia. Apesar de tal ponderação feita por Pessini (1996) ser pertinente, é impossível desconsiderar as consequências negativas estabelecidas pelo sistema vigente em nosso contexto social.

Alguns estudiosos, tentando compreender tal realidade elaboram discursos que se inserem num contexto pluralista e multidisciplinar tendo como referência a bioética, que compreende problemas relacionados com valores que surgem em todas as profissões da saúde. Ela aborda uma ampla gama de questões sociais que se relacionam com a saúde, buscando humanizar o ambiente de clínicas e hospitais, ou seja, busca a dimensão ética dos problemas criados pelas ciências biomédicas.

Ela nos ajuda assim, a pensar na possibilidade de mudanças humanizadoras do ambiente hospitalar, o que é um desafio para toda a sociedade, tendo em vista superar o entendimento desse espaço como um local frio, cheio de incertezas e de medo.

Dessa forma, algumas questões se fizeram presentes para a realização desse estudo, tais como: A Animação Cultural(AC) pode ser uma prática pedagógica desenvolvida no hospital no âmbito da Educação Física? Quais os significados desse tipo de intervenção? Como contribuir para a humanização hospitalar na perspectiva da AC? Quais as possibilidades de mudança que a AC pode oferecer ao ambiente hospitalar e conseqüentemente aos sujeitos hospitalizados que participam das vivências oferecidas por ela?

Assim, este estudo tem o objetivo de analisar os significados da AC na perspectiva da Educação Física no contexto hospitalar, tendo em vista contribuir com a implementação de propostas que possam auxiliar na construção de um espaço mais humanizado e humanizante.

Nesse caminho, percebemos que os hospitais são reflexos de uma perspectiva imperante em nossa sociedade e tem sido questionado por se inserir, algumas vezes, nesse contexto de produtividade e fazer exclusivamente técnico.

Pensar em humanizar e em cuidar é uma realidade emergente. Funghetto (2004) faz uma consideração importante quando afirma que o ambiente hospitalar, com suas formas de organização, pouco considera as necessidades de qualidade de vida, e isso, provavelmente, foi decorrente da cultura estabelecida na história da instituição.

Nesse contexto Pessini nos sugere que “é urgente o resgate de uma visão antropológica holística, que cuide da dor e sofrimento humanos nas suas várias dimensões, ou seja, física, social, psíquica, emocional e espiritual” (PESSINI, acesso em 10/2005).

Podemos assim, remeter-nos a pensar numa proposta diferenciada que possa ter a possibilidade de contribuir para a humanização da hospitalização, que envolva o cuidado,

a ética e que possa ser concretizada também no âmbito da Educação Física. A AC pode ser um dos caminhos apropriados para que isso ocorra, tendo em vista as possibilidades que essa ação apresenta.

Para pesarmos a atuação do animador cultural não podemos nos esquecer dos diferentes aspectos encontrados atualmente em nossa realidade, que devem ser motivo de preocupação e por isso analisados quando o animador cultural for desempenhar seu papel educativo. São elas: a indústria cultural, a mídia, a cultura de massas, a cultura de consumo acrítico, bem como a influência de países hegemônicos, sendo que todos esses estão interligados. É preciso entender todo esse processo para se pensar em atitudes desejáveis nas intervenções de animadores (MELO, acesso em 11/2006).

Nessa tentativa de entendimento de tal processo me recorro a Debord (1997) para compreender o que ele chama de "Sociedade do Espetáculo", já que o autor relaciona em tal conceito toda a essência de uma realidade composta por inúmeros "traumas", como por exemplo, a ação dessa cultura do consumo e alienação, bem como feitos dos "caprichos" do poder ocultado algumas vezes aos olhos da sociedade.

Debord elabora uma maneira de evidenciar uma diversidade de fenômenos existentes, já que em sua fala encontra-se o alerta de que há uma prática econômica-social dominante nesse momento. O autor nos convence da predominância de atitudes de aceitação passiva dos fatos diante de um monopólio de aparências, nos remetendo a perceber demonstrações da racionalidade do sistema.

Essa manifestação do espetáculo que condiciona à atitude de um "agir em separado", distante, sozinho, nos remete a perceber comportamentos encontrados entre os indivíduos que habitam o hospital, dentre eles profissionais ou pacientes. Aos trabalhadores do campo da saúde, principalmente, já que seu "objeto" de trabalho não se reduz à dimensão de objeto ou doença, tendo em vista que essa restrição pode ampliar a condição de não percepção do outro, determinando atitudes de distanciamento.

Dessa maneira, nesse ambiente hospitalar podemos dizer que o Espetáculo se manifesta e se faz, quando cega os olhos de quem não vê o que está além de técnicas e "produções de cura". Concordamos com Pessini (2006) que questiona a desumanização do hospital justificando-a também pela ação de valores embutidos nos indivíduos através do desenvolvimento do sistema técnico-científico. Além disso, o espetáculo pode até se manifestar em quem se sente infeliz por não se perceber apto a participar das ambições e desejos de "cidadãos comuns", acreditando que a condição de se sentir bem e ter saúde é aquela que te permite trilhar os caminhos da produtividade excessiva do sistema. Assim, podemos supor, que talvez haja a possibilidade da frieza, manifestada muitas vezes nas instituições hospitalares, ser uma sensação em comum dos pacientes que se sentem desfavoráveis a participar do espetáculo e de profissionais que "mergulham" nele. Havendo, portanto, a necessidade emergencial de desenvolvimento do trabalho de um animador que possa educar sensibilidades.

As reflexões efetuadas nesse trabalho encaminham para o pensamento de Melo (2006) sobre o conceito de AC, que se concretiza como uma tecnologia educacional, pautada na idéia de mediação, que busca permitir compreensões aprofundadas acerca dos sentidos e significados da cultura, que concedem concretude à nossa experiência cotidiana. Além disso, é construída com base no princípio de estímulo às organizações comunitárias, tendo em vista a superação do *status quo* para construção de uma sociedade mais justa. Para o autor essa seria uma proposta de Pedagogia Social, que tem a possibilidade de ser implementada em diversos campos como: lazer, escola, sindicatos, família, ou seja, espaços possíveis de educação.

Nesse sentido sugiro o espaço hospitalar como sendo também um desses possíveis locais de intervenção do animador, já que o mesmo se encontra geralmente carente de

possibilidades de obtenção de momentos cheios de carinho, onde o sujeito é motivo de atenção. Assim, pelas atitudes sensíveis e humanas de um animador as individualidades dos sujeitos podem ser vistas, e nessa aproximação suas potencialidades podem ser desenvolvidas pelas mediações educativas do animador. Nesse desenvolvimento de sensibilidades por parte de quem recebe a atuação e de quem percebe uma possível mudança do ambiente, quem sabe haja a possibilidade de existência de maneiras mais dignas de se atender às pessoas.

Em se tratando a essas maneiras dignas de cuidado, podemos nos referir à melhora da qualidade de vida, já que um dos itens que a determina é a adaptabilidade do ser humano às situações que lhe acometem, seja na condição individual ou na coletiva (GUIMARÃES; MARTINS, 2004). Pensamos essas questões para os sujeitos que se encontram hospitalizados, fragilizados, e demandam uma adaptabilidade singular, já que a doença, sendo grave, pode simbolizar o rompimento da relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo. Dessa forma a AC com suas singularidades poderia propiciar momentos de adaptabilidade mais aconchegantes tornando essa condição precisa mais favorável em tais circunstâncias.

Como foi analisado percebemos que a AC envolve o trabalho com a ética, atendendo assim, a mais uma problemática encontrada no hospital, já que nesse existe uma falta de ética determinada pela tecnologização do cuidado, tendo em vista que parece não haver a percepção do outro, que se baseia em ser ético (percepção da sua conduta em relação ao outro). Sendo assim a singularidade do paciente poderia não mais ficar em segundo plano.

A AC também é uma proposta que atende a alguns princípios e objetivos da bioética, tendo em vista que essa é um estudo preocupado com a conduta humana, com o tipo de pessoas que queremos ser, que tipo de sociedade pensamos em construir. No que se refere a “trindade bioética” (que são: a beneficência, a autonomia e a justiça) a animação abre espaços de interrelações, principalmente, sobre a questão do desenvolvimento da autonomia dos indivíduos, já que na mediação se preocupa sempre em oferecer a possibilidade de atitudes participativas dos sujeitos, atentando também à mudança de posturas de aceitação passiva dos fatos, que poderia ser a manifestação de atitudes não submissíveis, que possam questionar determinados valores, e até mesmo as condições do atendimento hospitalar, bem como dos seus direitos perante a instituição.

Outra afirmativa que podemos fazer é a condição de adequação da AC a alguns objetivos do PNHAH, dentre eles principalmente os que se referem a: capacitar os profissionais dos hospitais para um novo conceito de assistência à saúde que valorize a vida humana e a cidadania, conceber e implantar novas iniciativas de humanização, estimular a realização de parcerias e intercâmbio de conhecimentos e experiências nesta área. Em relação ao último objetivo citado encontramos atualmente uma carência de experiências nessa área principalmente no que se refere à atuação do profissional de Educação Física que pode sob a perspectiva da animação, da cultura do lúdico, contribuir significativamente na construção de políticas de humanização.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FUNGHETTO, Silvana Schwerz. *O cuidado à criança hospitalizada com câncer: concepções dos cuidadores* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. (Dissertação. Mestrado em Enfermagem).

GUIMARÃES, Euclides; MARTINS, Vera lúcia Alves Batista. Qualidade de Vida. In: GOMES, Christiane Luce (Org). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELO, Victor Andrade de. *A Animação Cultural: Conceitos e Propostas*. Campinas: Papirus, 2006b.

MELO, Victor Andrade de. Animação Cultural: um ponto de vista desde o Brasil, um ponto de vista desde a América Latina. *Revista Iberoamericana de Animação Sociocultural* Ano 1 - Número 1 - Out2006/Fev2007a.

NOGUEIRA, Maria Cezira Fantini Martins. Humanização na Saúde. *Revista Ser Médico*. 2002.

PESSINI, L. *Problemas Atuais de Bioética*. São Paulo: Ed. Loyola 1996.

PESSINI, L. *Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar*. Disponível em www.scamilo.edu.br/pessini Acesso em 10/2005.

Universidade Federal de Minas Gerais / Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte – MG / CEP 31270-901

liviamariagg@yahoo.com.br

helderferreiraisayama@yahoo.com.br